

XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 05 – Política e Economia da Informação

ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL CRÍTICA CONTRA DESINFORMAÇÃO

CRITICAL MEDIA AND INFORMATION LITERACY AGAINST DISINFORMATION

Anna Cristina Caldeira de Andrada Sobral Brisola – Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)¹

Claudio Paixão Anastácio de Paula – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Luciana Menezes Carvalho – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta ampliada e integradora para o combate à desinformação por meio da Alfabetização Midiática e Informacional Crítica (AMIC). Partimos da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) da UNESCO, e incluímos a perspectiva crítica, em uma aproximação entre Ciência da Informação e Comunicação. Compreendemos a desinformação como um conjunto de táticas e ações para manipular a opinião, fenômeno potencializado pela era digital. A AMIC combina áreas distintas com uma noção unificada para a formação de uma resistência à desinformação. O artigo está dividido em três seções: na primeira, abordamos o caos informacional e desinformacional, apresentando nosso entendimento sobre a desinformação; na segunda, compilamos as principais soluções que têm sido propostas para enfrentar o problema; na terceira e última, argumentamos em favor de nossa proposta integradora de literacias, letramentos e competências, sob o guarda-chuva da AMIC.

Palavras-chave: desinformação; alfabetização midiática e informacional; alfabetização midiática e informacional crítica; letramentos; competências.

Abstract: This paper presents an expanded and integrated proposal to combat disinformation through Critical Media and Information Literacy (CMIL). We start from UNESCO's Media and Information Literacy (MIL) and include the critical perspective, in an approximation between Information and Communication Sciences. We understand disinformation as a set of tactics and actions to manipulate opinion, a phenomenon enhanced by the digital age. CMIL combines distinct areas with a unified notion for the formation of resistance to disinformation. The article is divided into three sections: in the first, we address the informational and disinformational chaos, presenting our understanding of disinformation; in the second, we compile the main solutions that have been proposed to face the problem; in the third and last, we argue in favor of our integrated proposal of literacies, literacy and skills, under the umbrella of CMIL.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Keywords: k disinformation; media and information literacy; critical media and information literacy; literacy; skills.

1 BUSCANDO UM FAROL NO MEIO DO CAOS INFORMACIONAL E DESINFORMACIONAL

Este artigo tem como objetivo combinar distintas literacias, letramentos e competências na construção de uma proposta de estratégia de resistência à desinformação. Escolheu-se uma revisão de literatura do tipo integrativo como a abordagem a mais adequada à tarefa pelo fato dessa modalidade de estudo: (a) recorrer à análise e à síntese de conclusões extraídas de fontes e materiais diversos produzidos sobre um mesmo tema; (b) de poder combinar estudos teóricos e estudos empíricos; (c) bem como de incorporar um amplo espectro de conceitos, estudos, fontes, evidências e interpretações acerca do fenômeno pesquisado (Souza; Silva; Carvalho; 2010).

O contexto informacional e desinformacional atual é de incerteza e insegurança. A desinformação alcançou proporções brutais com consequências assustadoras, tornando-se ameaça à democracia, segurança, saúde, ao meio ambiente e, por extensão, até à vida no planeta. Apesar de a circulação de conteúdo desinformativo ter atingido maior escala atualmente, propaganda política, boatos, informações falsas ou imprecisas, e opinião sem base nos fatos já confundiam o público em períodos bem anteriores à era digital. Na década de 1920, o historiador francês Marc Bloch (1998) já falava sobre a importância de se compreender a origem, a forma de espalhamento e o contexto social em que as “falsas notícias da guerra” se estabeleciam como se fossem verdade.

Nos últimos anos, o termo fake news tornou-se amplamente utilizado para se referir a qualquer tipo de conteúdo falso, descontextualizado ou fabricado para manipular, tendo sido eleito a palavra do ano de 2017 pelo Dicionário Collins. A expressão tornou-se popular, sobretudo, durante a eleição presidencial de 2016, nos Estados Unidos, quando Donald Trump espalhou boatos para atacar adversários. O referendo ‘Brexit’, por meio do qual o Reino Unido deixou a União Europeia, foi também marcado pela disseminação de informações falsas ou imprecisas como estratégia de campanha. (Oliveira; Gomes, 2019).

Compreendemos a desinformação como um fenômeno antigo e amplo, que vem sendo estudado, moldado e aperfeiçoado ao longo da história e, dentre seus subprodutos, encontramos as *fake news*. “O uso do termo *fake news* tem sido banalizado pelo discurso político, sendo frequentemente utilizado como estratégia narrativa para desacreditar e

restringir o trabalho da imprensa” (Santos; Maurer, 2020, p. 5-6), o que gerou controvérsias sobre seu uso. Wardle e Derakhshan (2017) propõem uma divisão baseada em três tipos de conteúdo: disinformation, misinformation e malinformation caracterizando os três como conteúdos falsos intencionalmente fabricados para causar dano, sem intencionalidade proposital ou consciente de dano e vazamento intencional de informações para causar dano². Embora essa divisão seja interessante por categorizar os tipos de desordem informativa, reduz sua abrangência. Quando Wardle e Derakhshan (2017) defendem o uso de desinformação no lugar de fake news, partindo da premissa de que notícias (no sentido jornalístico) não são falsas, e da controvérsia em torno do uso do termo, eles não consideram que essa perspectiva reduz a desinformação apenas a informações falsas, e exime a participação das mídias, do jornalismo e das informações oficiais na produção de desinformação, noção que se choca com os estudos anteriores ao boom do assunto, como os desenvolvidos por Volkoff (1999), Abramo (2002), Serrano (2010) e Chomsky (2014).

Embora consigamos, epistemológica e filosoficamente, explicar que partes de verdade não são a verdade, portanto podem ser consideradas falsas, existe nessa afirmação um risco bastante pantanoso. Essa perspectiva abre espaço para a manipulação através do uso de partes de verdade, manipulações da própria verdade ou omissão, ao não considerá-las desinformação, além de anular diversas táticas de desinformação - isso é, por exemplo, o que aponta Brisola (2021). Algumas perguntas fundamentais emergem desse raciocínio: afinal, o que escrevemos aqui é parte da verdade ou ela toda? E quando uma desinformação omite a verdade, ela não é desinformação? E quando a desinformação descontextualiza a verdade? Quem relativiza tudo abre espaço para que se possa acreditar em qualquer coisa.

Assim, estamos alinhados com a proposta, bastante utilizada internacionalmente, de Allcott e Gentzkow (2017), de que *fake news* são artigos ou informações com características de notícias, intencional e verificadamente falsos, que podem enganar os leitores. São notícias fabricadas, com características jornalísticas, mas antecipadamente pensadas para a manipulação e descoladas da verdade. Elas possuem características bem específicas de produção, formatação e intenção para falsear uma notícia. Levando esse aspecto em

² Mis-information is when false information is shared, but no harm is meant.

Dis-information is when false information is knowingly shared to cause harm.

Mal-information is when genuine information is shared to cause harm, often by moving information designed to stay private into the public sphere. (wardle; Derakhshan, 2017, p. 20)

consideração e o mantendo em mente, ainda será preciso voltar ao conceito de desinformação com mais vagar, adiante, para entendê-lo melhor.

Partimos do pressuposto de que as plataformas digitais elevaram o alcance e o impacto dessa desordem, abrindo espaço para uma enxurrada de informações sem um letramento crítico da população. Isso colaborou para que produtores amadores e profissionais assumissem papéis semelhantes como fontes fidedignas no mesmo ecossistema informativo. Não estamos aqui criando juízo de valor sobre as possibilidades de produção de informação verdadeira por não profissionais ou da impossibilidade de haver desinformação gerada por profissionais da informação e comunicação. Contudo, a campanha difamatória e sistemática promovida contra a ciência, os jornais de referência (com uma editoria minimamente responsável) e as fontes oficiais de informação (vinculadas a instituições preocupadas com a acurácia técnica), abriu maior espaço para a disseminação de informações sem fonte e leniência com fontes de informação não especializadas, confiáveis ou fidedignas. Mais que isso, a desordem informacional achou berço esplêndido na falta de letramento crítico da população. Ampliando e buscando um termo e conceito mais abrangente, recorreremos ao termo utilizado pela UNESCO sublinhando e acrescentando a importância da crítica, designando neste artigo como Alfabetização Midiática e Informacional Crítica (AMIC).

Dentro de um contexto mais amplo, é importante lembrar que as plataformas digitais não são percebidas como neutras, pois interferem na comunicação por meio de seus algoritmos, que atuam a partir de decisões mercadológicas, com vieses ideológicos. Entre elas, incluem-se as mídias sociais digitais, que podem ser tidas como “sistemas que possibilitam usos e apropriações que envolvem participação ativa do interagente através de comentários, recomendações, disseminação e compartilhamento de conteúdo próprio ou de terceiros” (Barichello; Carvalho, 2013, p. 240), o que facilita a participação e o engajamento colaborativo, mas também a propagação da desinformação.

De acordo com o relatório Digital News Report, do Reuters Institute, a carência de regras pelas plataformas digitais em relação aos algoritmos está impulsionando a disseminação de conteúdos falsos (Newman *et al.*, 2017). Por isso, governos e organizações de todo o mundo vêm colocando o assunto em pauta. Como exemplo, em 2018, a União Europeia, onde a discussão está muito mais adiantada, reuniu especialistas para discutirem o problema. Como resultado, foi entregue o relatório ‘A Multi-dimensional Approach to

Disinformation – Report of the independent High-level Group on fake news and online disinformation’ (De Cock Buning, 2018).

Em países do Sul Global, como o Brasil, a situação é bem mais complexa. Nesse país, recém-saído de um governo de extrema direita, que usou e abusou da desinformação como um recurso comunicativo institucional, o Projeto de Lei (na sigla em português, PL) número 2630/2020, conhecido como PL das Fake News, que propõe a regulação das plataformas, recentemente engavetado, vinha tramitando desde 2020, causando muita polêmica e discussão. Mesmo agora, com pressão governamental e popular, a desinformação intencionalmente produzida sobre o próprio PL e os jogos de manipulação, atravancaram a votação, com apoio, inclusive, das megacorporações digitais.

Em consequência desse caos informacional, diversas frentes de trabalho, pesquisa e combate à desinformação vêm se apresentando: regulação, checagem de fatos e educação midiática são as mais populares, inclusive na CI. Contudo, confrontados com a prática, nos perguntamos sobre quanto do nosso arsenal teórico está sendo investido e reconhecido na construção de uma resistência à desinformação. No Brasil, a CI começa a ser reconhecida como uma área diretamente relacionada a estudos amplos e multidisciplinares sobre informação, sendo, talvez pela primeira vez em sua história no país, reconhecida concretamente como um player relevante. É nessa perspectiva que propomos este estudo.

Desse modo, compreendemos a desinformação como um complexo de táticas e ações, intencionais e, por vezes, especializadas, com o intuito de manipular pessoas e a opinião pública a fim de conduzir e manter a hegemonia. Não é, portanto, um fenômeno novo, mas algo que se potencializou a partir da Sociedade da Informação (Brisola, 2021) e ganhou velocidade e alcance com os meios e espaços digitais. Desinformação é conceituada como informação deliberadamente manipulada ou falsa, difundida com o objetivo de manusear opiniões e obscurecer verdades. Dessa vez, concordando com Wardle e Derakhshan (2017), ela faz parte da ‘desordem informacional’, contexto mais amplo que inclui conteúdos fora de contexto, paródias mal interpretadas, e compartilhamento de mensagens falsas sem que haja intenção em causar prejuízos.

Essa desordem não é sempre composta por informações totalmente falsas, e esse é um ponto problemático dessa definição mais popular e que, convenientemente, é usada para eximir fontes oficiais de informação de sua responsabilidade. Contudo, autores como Volkoff (1999), Abramo (2003), Serrano (2010) e Chomsky (2014), denunciam o tratamento dado à

informação nos meios que informam o mundo. Segundo Serrano (2010, p. 19), “convencer o conjunto das populações de sua adesão às ideias das classes dominantes” é uma das missões da desinformação. Portanto, os meios de comunicação focados em monetarização estão subsumidos à tarefa de conformar a sociedade aos interesses das classes dominantes e, para isso, também utilizam desinformação, ainda que de maneira mais sutil.

Complexificando ainda mais o cenário, a amplitude do alcance midiático na contemporaneidade é proporcional aos problemas informacionais que ela tem causado. A intenção de avaliações como esta não é demonizar a mídia, mas de elucidar que é essencial compreendermos que existe um potencial poderoso que, se considerarmos os registros históricos, vem sendo utilizado desde sempre, e é potencializado com o surgimento de cada nova tecnologia. O que está na base, como pensado por Bloch (1998), é a cultura. À época, o autor antecipou que "O erro só se propaga, só se amplia, só vive com uma condição: encontrar na sociedade em que se difunde um caldo de cultura favorável". (Bloch, 1998, p. 180). Dessa maneira, considerando o passado histórico dos meios de comunicação como difusores de informação e desinformação e a preocupação com a acuidade e a precisão no compartilhamento das informações, pensar, testar e expor meios de ajudar a população a lidar com a desinformação é uma tarefa vocacional tanto da CI quanto da Comunicação, que, juntas, podem ajudar a transformar o atual caldo cultural favorável à desinformação.

2 AS SOLUÇÕES QUE VÊM SENDO PROPOSTAS

A primeira resposta aos conteúdos falsos foi a busca pela verdade dos fatos. O *fact checking* foi articulado por inúmeros profissionais por todo o globo. Essa prática nasce junto com o jornalismo e a primeira agência de checagem surge no The World, o Bureau for Accuracy and Fair Play, em 1913, criado por Ralph Pulitzer e Isaac White, editores chefes, para verificar os fatos antes de chegarem ao grande público. “A principal razão para o estabelecimento desse mecanismo interno de *fact cheking* foi o crescente número de processos contra o jornal, por calúnia e difamação: 14 em 1912 e 23, em 1913” (Palácios, 2019, p. 79). Com o boom das *fake news*, inúmeras agências de checagem espalharam-se pelo globo, adotadas pelo campo do jornalismo.

Contudo, estudos como os de Lewandowsky *et al.* (2012) e Lewandowsky *et al.* (2020) demonstraram que apenas confrontar mentira com verdade não é suficiente para combater a adesão à desinformação. Até porque nossos cérebros são propensos a acreditar em

informações que corroboram nossas crenças, além de serem culturalmente moldados para não questionarem as informações e apenas acatá-las quando vindas de alguém que pareça carregar autoridade.

Além desse, há diversos estudos (descritos em livros como de Shermer, 2011; Shermer, 2012; Nicolelis, 2020) sobre conceitos como gratificação imediata, busca pela simplicidade, viés de confirmação, relações entre moralidade e sentido, racionalizações redutivas ou indevidas, busca por padronizações, tendências a infundir nos padrões significado, intenção e ação, abstrações mentais e sincronização de ‘cérebros’, que aprofundam as relações complexas entre humanos e informação, facilitando a adesão à desinformação. Não cabe aprofundar esses conceitos em um artigo com essa propensão.

As propostas de Alfabetização Midiática e de desenvolvimento de Competências Críticas em Informação convergem para um esforço de reunir várias formas de letramento e alfabetização que estão sendo consideradas não somente para combater a desinformação e as *fake news*, mas para construir um esforço de transformação social com o objetivo de melhorar o bem estar populacional, fomentando a emancipação e a cidadania. Dentre esses esforços, poderiam ser citados (numa síntese conceitual das formulações mais sugestivas dos estudos acadêmicos):

- a ‘alfabetização midiática’, que estimula uma relação ética e consciente com as informações que circulam nas mídias;
- a competência em informação e a competência crítica em informação - que buscam otimizar as relações dos indivíduos e grupos com a informação de uma maneira geral, para busca, uso e compartilhamento da informação de maneira ética e crítica;
- o ‘letramento cívico’, voltado ao desenvolvimento de capacidades que permitem aos cidadãos a tomada de consciência quanto às questões públicas e a se envolverem no processo de tomada de decisões;
- o ‘letramento cultural’ voltado ao reconhecimento e manejo de crenças coletivas, costumes, visões de mundo e identidade social na interpretação e ação sobre as informações;
- o ‘letramento científico’ voltado à compreensão de como se dá o processo de construção da Ciência (como, por exemplo, a relação dela com a técnica e a tecnologia, a noção de ciência como um conhecimento progressivo e não cumulativo; etc.);
- os ‘letramentos’ ou ‘literacia em saúde’ - habilidades para encontrar, entender e gerenciar informações e serviços para, a partir do contexto social em que está inserido e da

compreensão dos determinantes sociais, fazer uso desse conhecimento para tomar decisões e ações informadas em relação à sua própria saúde e dos outros, promoção da qualidade de vida;

- o ‘letramento digital’ - como uma capacitação para usar a tecnologia digital de maneira eficaz e responsável equilibrando acesso à informação, comunicação e colaboração em projetos com a proteção da privacidade e segurança cibernética;

- a ‘literacia religiosa’ - habilidade para discernir e analisar as interseções entre religião, política, cultura e sociedade levando em consideração um conhecimento básico e respeitoso das diferenças entre crenças, práticas e manifestações religiosas através do espaço e do tempo e com base numa postura humanística e não dogmática;

- o letramento ambiental - união da educação ambiental com o letramento científico a fim de proporcionar uma consciência ambiental em prol da sustentabilidade, conservação e preservação.

- o ‘letramento para os futuros’ – definido pela UNESCO (2018) como a capacidade de as pessoas entenderem o papel que o futuro desempenha em sua realidade atual, no qual algo que ainda não existe é passível de ser imaginado de formas diferentes e construído de visões prováveis, disruptivas e, acrescentaríamos nós, cientificamente embasadas.

Ainda que as reconheçamos como necessárias para um combate eficaz da desinformação, todas essas literacias, letramentos e competências têm sido apresentadas por diferentes áreas da pesquisa, em geral, de modo isolado. Individualmente cada uma delas possui uma meta mas não dá conta do contexto total da desinformação. Desta maneira os letramentos não integrados, deixam brechas para a entrada da desinformação, criando focos difusos. O que propomos é integrar aquelas que consideramos principais em uma perspectiva transdisciplinar que parta da Ciência da Informação e da Comunicação, e tenha como foco a Alfabetização Midiática e Informacional Crítica, em que o último termo amplia a proposta, já conhecida, da UNESCO.

3 UMA PROPOSTA INTEGRADORA: ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL CRÍTICA

Diante do cenário descrito nas seções anteriores, ocorre-nos a necessidade de que seja apresentada uma proposta integradora, que reúna os campos da comunicação e da CI, atualizando o termo da UNESCO - Alfabetização Midiática e Informacional - com o acréscimo da dimensão Crítica, e que agregue todas essas perspectivas dentro de um grande constructo

que demonstre formas de resistir à desinformação com eficiência a partir do estímulo ao desenvolvimento de um pool de habilidades e táticas tão elaboradas quanto as utilizadas pelos mecanismos e agentes da desinformação.

Compreendemos que construir a resistência à desinformação na população exige uma forma integrada, multidisciplinar e tática de atuação. É preciso integrar especializações e tentativas isoladas para construção de um conjunto de habilidades técnicas, cognitivas, de conhecimento, culturais, emocionais e críticas nos cidadãos para que eles percebam a maior parte das desinformações antes de serem seduzidos por suas artimanhas. Essa não é uma tarefa fácil, porém torna-se possível a partir de uma abordagem mais ampla e empenhada com a conquista de espaços de atuação na educação, nos meios digitais e nas pesquisas.

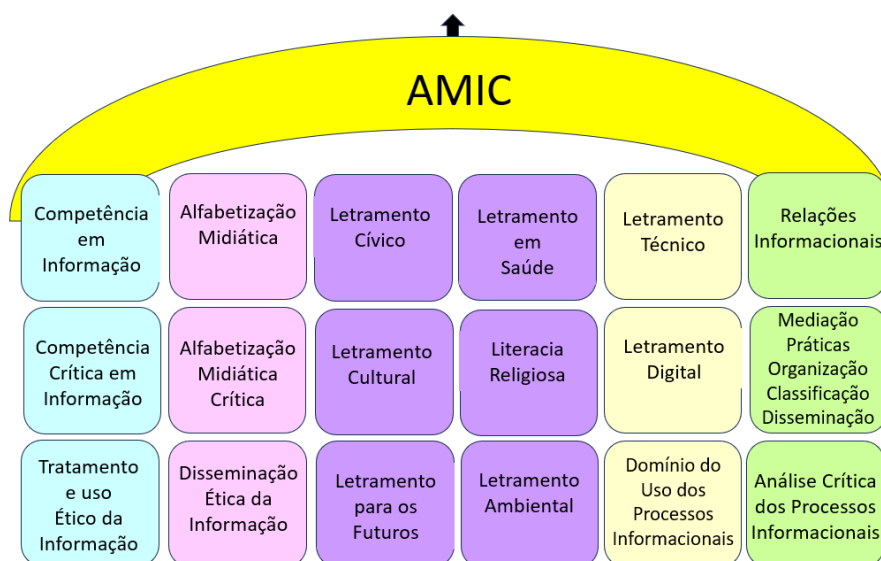
A introdução da dimensão Crítica na proposta original da UNESCO complexifica e une CI, Comunicação e Educação. Nossa perspectiva teórico-metodológica propõe que se considere a informação na acepção mais ampla possível utilizada pela CI. Seriam recuperadas, na elaboração desse construto, a concepção condensada de Capurro (2007), que considera a informação como entidade/coisa - relacionada ao armazenamento e recuperação; a informação como ordenação da energia - métrica, genética ou ordenação da variedade (Wilden, 2001); informação como comunicação, a que circula; e o estudo de outros autores, como Araújo, Paula e Silva Neto (2022), por exemplo, que recorrem a autores do construtivismo computacional, como Dodig-Crnkovic (2014) para propor a ampliação dos conceitos anteriores, designando sob a etiqueta 'informação' todo produto da cognição humana decorrente da interpretação da protoinformação (a informação potencial presente na 'materialidade'). Porém, mesmo que nos mantivéssemos na concepção mais difundida, onde temos a informação armazenada, por exemplo, sob a forma de dados, que dependem de ações de armazenamento e recuperação, e que, em contato com a pessoa, irão depender de atos interpretativos para, cognitivamente, comporem o conhecimento, já estaremos diante de um quadro bastante complexo.

A informação, na CI, é estudada e tratada em todos os níveis e complexidades em que se apresenta. Considerando a multiplicidade de especializações científicas e de profissionais que lidam com a informação, esse caminho não somente é desejável, mas essencial. Apesar dessa multiplicidade, aquilo que poderia ser definido como o núcleo central das representações (Wachelke; Wolter, 2019) que a área da CI construiu sobre a informação, na abordagem que ela fez sobre o conceito, coaduna com a perspectiva utilizada oficialmente

pela UNESCO da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) – que reúne as noções de alfabetização midiática e alfabetização informacional. A AMIC, na nossa perspectiva, combina áreas distintas e vai além daquilo que as terminologias significam individualmente, alcançando uma noção unificada, incorporando elementos, formando um guarda-chuva de literacias e competências, que envolvem a informação e são importantes na formação de uma resistência e combate à desinformação.

Nossa percepção é de que, hodiernamente, as literacias (competências ou alfabetizações, conforme linha epistemológica e área) necessárias para uma relação saudável com a informação, ante o tsunami e a desordem informacional, são muitas, e é preciso investir na formação de pessoas versadas nas literacias para que consigamos conter, ao menos, a maior parte da desinformação e obter algum controle sobre a desordem informacional. Propomos, então, um guarda-chuva mais amplo de literacias sob a sigla da AMIC, conforme organizado na Figura 1, acrescidas da perspectiva crítica na ótica da Teoria Crítica e da Pedagogia Crítica.

Figura 1 - Alfabetização Midiática e Informacional Crítica: uma proposta



Fonte: Autoria própria.

Ao se considerar que estudos como o proposto por Cândido, Paula e Dias (2022) venham a comprovar que, tanto a dispersão quanto as transformações pelas quais as informações passam ao longo de seu percurso histórico, seguem uma lógica de mutações a partir de um complexo de informações originais – e que essas mutações são sempre estruturadas em torno de um núcleo responsável por fazer propagar, de maneira análoga aos vírus, a sua identidade – essa compreensão dos modos como a informação (e também a

desinformação) se organiza e se propaga nos meios cultural e social, pode confirmar a efetividade de reflexões como as feitas pelo próprio Paula (2021) em artigo anterior.

Naquele trabalho, o autor sugere que, como no caso dos vírus, a capacidade de replicação da própria informação falsa (ou daquele núcleo deletério de informação falsa rodeado de informações factuais) se sobrepõe às consequências que um indivíduo replicador em particular possa vir a sofrer diante do ‘cômputo’ global das informações transferidas ‘no pacote’. Um pacote de informações eficiente não o será por sua verdade fática, mas por sua facilidade de reprodução e de disseminação. Ele será ‘bom’ (independentemente de possuir algum valor intrínseco) pela sua capacidade de dirimir dúvidas e de tornar o mundo menos complexo, resolvendo problemas e oferecendo explicações consoladoras que reduzem a angústia existencial (Paula, 2021).

Essa constatação permitiria sugerir uma nova perspectiva em estratégias de comunicação e, mais especificamente, dentro da perspectiva da Alfabetização Midiática e Informacional Crítica, construída para levar em consideração as formas de distorção de conteúdos. Nesse delineamento de estratégias, os conteúdos midiáticos poderiam ser ativamente elaborados a partir da proposição de mensagens de inoculação preventiva (Cook; Lewandowsky; Ecker, 2017) mais eficientes.

Essas mensagens poderiam funcionar como ‘vacinas informacionais’ desenvolvidas a partir da identificação dos componentes essenciais dos complexos de informações que formam as mensagens desinformativas. A elaboração dessas vacinas precisaria levar em consideração que esses núcleos, por estarem cercados de informações factuais, funcionam como núcleo disseminador de representações de mundo manipuladas, mas facilmente aceitas devido à similaridade entre os conteúdos desinformativos e os conteúdos (factuais ou não) já presentes no ambiente cognitivo das pessoas que com eles se relacionam.

Novamente, partindo de um paralelo entre a infecção por informações manipuladas e as infecções por vírus onde, através de um mecanismo de ‘chave-fechadura’, um elemento atrativo engana os equipamentos defensivos fazendo com que eles se abram e permitam a entrada do ‘elemento infeccioso’, seria possível identificar os núcleos atrativos dos conteúdos desinformativos – por exemplo, por meio de técnicas já bastante conhecidas como as utilizadas pela Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais (Wachelke; Wolter, 2019) – para selecionar aqueles mais familiares aos possíveis ‘hospedeiros’ (o público-alvo das ações

comunicativas), isto é, aqueles mais facilmente assimiláveis, para utilizá-los para conceber estratégias de bloqueio (análogas a firewalls ou vacinas) testáveis nas ações de AMIC.

Através dessa estratégia, poderiam ser desenhados caminhos específicos para ações de AMIC voltadas especificamente para o civismo (voltados para formar, nos cidadãos, uma maior consciência das questões públicas e estimulá-los a se envolverem no processo de tomada de decisões); a cultura (capacidade de compreender a diversidade das crenças coletivas, costumes, visões de mundo e identidades sociais e utilizar esse conhecimento para interpretar e agir sobre as informações que recebe); a ciência (consciência do processo de 'feitura' da ciência, sobre como foram formulados os conceitos científicos fundamentais, compreender a complexidade técnica, a relação entre a tecnologia e a ciência, a compreensão da incerteza científica e a compreensão de que supostas mudança abruptas na ciência geralmente são indícios de falsificações); a saúde (tanto individual, quanto coletiva - noções sobre como acessar, compreender e gerenciar, de forma crítica, informações sobre saúde levando em conta o contexto social em que estão inseridos, e usando esse conhecimento para a promoção de sua saúde, qualidade de vida); a religião (habilidade de discernir e analisar as diferentes perspectivas religiosas e as relações entre elas - numa perspectiva social, cultural e política através de múltiplas lentes); para o meio ambiente (conscientizando de que os humanos são parte integrante do todo e que as ações que afetam o meio ambiente também afetam humanos mais cedo ou mais tarde, forjando uma relação crítica e consciente entre o indivíduo, o outro e toda a Terra); e entre outras ações, para o próprio futuro (capacidade para entender o papel que o futuro desempenha na realidade atual a partir da noção de que ele, como ainda não existe, permite que seja possível imaginá-lo de diversas maneiras e, a partir dessa projeções, construí-lo de forma disruptiva - uma ação que permite superar o medo e a desconfiança quanto à relação com a incerteza inerente a um universo não determinístico). Esse delineamento seria feito sempre tendo como base o preparo do terreno, não somente para a criação de barreiras para a entrada de informações falsas ou manipuladas, mas também para, num movimento diametralmente oposto, preparar o terreno para a apreensão de conteúdos 'validados' e diversificados.

O processo de apreensão das informações é mais fácil de ser compreendido quando se começa a pensar nelas em termos de unidades, núcleos que se estruturam com complexos interconectados para produzir mensagens. Uma mensagem seria, portanto, composta de vários desses núcleos articulados. Desse modo, essas ações de AMIC partiriam da noção de

que, quando se pensa na disseminação de unidades de informações (tanto verdadeiras quanto falsas ou desinformativas), é necessário pensar que o estoque de mentes disponíveis para assimilá-las é limitado. Do mesmo modo, cada mente tem uma capacidade cognitiva limitada para assimilar essas unidades. Isso, portanto, produz uma forte competição entre os conteúdos oriundos de diversas fontes buscando acessar essas mentes (Dennet, 1993).

Dessa forma, as informações que ‘colonizarem’ o repertório cognitivo de uma pessoa acabarão, através dos mecanismos de ‘fechadura’, anteriormente citados, assumindo certo ‘controle’ ou, pelo menos, exercendo ‘influência’ sobre os conteúdos que posteriormente serão assimilados, só ‘aceitando’ conexões com outros cujas ‘chaves’ se adaptem às ‘fechaduras disponíveis’.

Uma consequência positiva desse processo de ‘inoculação preventiva’ proporcionado pela AMIC seria não somente impedir a entrada de conteúdos desinformativos, mas predispor as pessoas a assimilarem e estabelecerem conexões produtivas, éticas e críticas (no sentido epistemológico) com conteúdos semelhantes àqueles aos quais elas se tornaram familiarizadas no processo de alfabetização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos uma proposta ampliada e unificadora de um conjunto de literacias, letramentos e competências que podem ajudar no combate à desinformação, sob o leque do que denominamos Alfabetização Midiática e Informacional Crítica (AMIC). Fizemos um acréscimo à AMI, trabalhada pela UNESCO, incluindo a competência crítica, em uma abordagem que aproxima Ciência da Informação e Comunicação. Entre as competências incluídas, no escopo da AMIC, estão letramentos para o civismo, a cultura, a ciência, a saúde, a religião, o meio ambiente e o futuro.

A proposta aqui apresentada considera que, para atacar a desordem informacional e o caos desinformativo, são necessárias ações que afetem o modo de recebimento das mensagens em seu núcleo, em uma espécie de imunização (ou inoculação) individual e coletiva que torne as pessoas menos suscetíveis aos conteúdos que desinformam, o que se dá por meio do desenvolvimento da alfabetização para as mídias e para a informação com um viés crítico e amplo.

O texto traz uma proposta inicial, que será mais profundamente delineada e colocada em termos práticos para ser adotada por diferentes atores, sejam institucionais, não

governamentais, escolares, jornalísticos, comunicacionais e informacionais, em diversas áreas que são atualmente afetadas pela ampla circulação e aceitação da desinformação. No universo acadêmico, a pesquisa, a extensão e o ensino devem caminhar juntos, e de modo transdisciplinar, para que o combate à desinformação seja aplicado de modo transversal. A AMIC, como pretendemos lançar aqui, pode ser um caminho unificador para dar conta dessa complexa e urgente tarefa da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, 2017, p. 211-236.

ARAÚJO, E. P. O.; PAULA, C. P. A.; SILVA NETO, J. R. Infocomunicação e protoinformação: ensaios conceituais e definições. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22, 2022. **Anais [...]**. Porto Alegre, UFRGS, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxii/enancib/paper/view/768>. Acesso em: jun. 2024.

BARICHELO, E.; CARVALHO, L. Mídias sociais digitais a partir da ideia mcluhaniana de medium-ambiência. **MATRIZES**, [S.l.], v. 7, n. 1, 2013.

BLOCH, M. Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra. *In*: BLOCH, É. (org.). **História e historiadores**. Lisboa: Editorial Teorema, 1998. p. 177-197.

BRISOLA, A. C. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano**: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. 293 f. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021.

CÂNDIDO, D. S. G.; PAULA, C. P. A.; DIAS, T. M. R. Contribuições metodológicas para a incorporação da perspectiva memética ao repertório da Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2022, e6059-e6059. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6059>. Acesso em: jun. 2024.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. Tradução: Fernando Santos. wmf Martinsfontes. São Paulo. 2014.

COOK, J.; LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H. Neutralizing misinformation through inoculation: Exposing misleading argumentation techniques reduces their influence. **PloS one**, [S.l.], v. 12, n. 5, 2017, e0175799. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0175799>. Acesso em: jun. 2024.

DE COCK BUNING, Madeleine. **A multi-dimensional approach to disinformation**: Report of the independent high level group on fake news and online disinformation. Publications Office of the European Union, 2018.

DENNETT, D. C. **Consciousness explained**. London: Penguin UK, 1993.

DODIG-CRNKOVIC, G. Info-computational constructivism and cognition. **Constructivist Foundations**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 223-231, 2014. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/DODICA>. Acesso em: jun. 2024.

LEVY, D. *et al.* **Reuters institute digital news report 2017**. [S.l.]: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2017. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Digital%20News%20Report%202017%20web_0.pdf

LEWANDOWSKY, S., COOK, J., ECKER, U. K. H., ALBARRACÍN, D., AMAZEEN, M. A., KENDEOU, P., LOMBARDI, D., NEWMAN, E. J., PENNYCOOK, G., PORTER, E. RAND, D. G., RAPP, D. N., REIFLER, J., ROOZENBEEK, J., SCHMID, P., SEIFERT, C. M., SINATRA, G. M., SWIRE-THOMPSON, B., VAN DER LINDEN, S., VRAGA, E. K., WOOD, T. J., ZARAGOZA, M. S. **Debunking Handbook 2020**. (O manual da desmistificação 2020). [S.l.]: University of Bristol; University of Western Australia; George Mason University; University of Illinois; Boston University; University of Minnesota; University of Maryland; Australian National University; University of Regina; The George Washington University; Massachusetts Institute of Technology; Northwestern University; University of Exeter; University of Cambridge; Universität Erfurt; University of Michigan; USC Rossier; Northeastern University; The Ohio State University; Kent State University, 2020. Disponível em: <https://www.climatechangecommunication.org/all/the-debunking-handbook-2020/>. Acesso em: 30 jan. 2025.

LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H.; SEIFERT, C. M.; SCHWARZ, N.; COOK, J. Misinformation and its correction: Continued influence and successful debiasing. **Psychological Science in the Public Interest**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 106-131, 2012. Disponível em: <https://skepticalscience.com/docs/DebunkingHandbook2020-Portuguese.pdf>. Acesso em: jun. 2024.

NICOLELIS, M. **O verdadeiro criador de tudo**: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós conhecemos. São Paulo: Planeta, 2020.

OLIVEIRA, A. S.; GOMES, P. O. Os limites da liberdade de expressão: fake news como ameaça à democracia. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 93-118, 2019.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

PALACIOS, M. Fake news e a emergência das agências de checagem: terceirização da credibilidade jornalística. *In*: MARTINS, M. L.; MACEDO, I. M. **Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono**. Lisboa: Edições Húmus, 2019. p. 77-90.

PAULA, C. P. A. Do estudo da informação representada ao das condições para sua representação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 21, 2021 **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ/IBICT, 2021. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/89/228>. Acesso em jun. 2024.

SANTOS, C. R. P.; MAURER, C. Potencialidades e limites do fact-checking no combate à desinformação. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 23, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/57839>. Acesso em: jun. 2024.

SERRANO, Pascual. **Desinformação**: como os meios de comunicação ocultam o mundo. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.

SHERMER, M. **Cérebro & crença**: de fantasmas e deuses à política e às conspirações - como o cérebro constrói nossas crenças e as transforma em verdades. São Paulo: JSN Editora, 2012.

SHERMER, M. **Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas**: pseudociência, superstição e outras confusões dos nossos tempos. São Paulo: JSN Editora, 2011.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/>. Acesso em: jul. 2024.

UNESCO. **Transforming the future**: Anticipation in the 21ST Century. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation (UNESCO), 2018. Disponível em: <https://en.unesco.org/futuresliteracy/>. Acesso em: jun. 2024

VOLKOFF, Vladimir. **Une petite histoire de la désinformation**: du cheval de Troie à Internet. Monaco: Editions du Rocher, 1999.

WACHELKE, J.; WOLTER, R. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, [S.l.], v. 27, n. 4, p. 521-526, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: jun. 2024.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. **Council of Europe report**, [S.l.], v. 27, 2017.

WILDEN, Anthony. "Informação". *In*: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**, v. 34, Comunicação-Cognição. Lisboa, PT: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 11-77, 2001.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

WILSON, C.; GRIZZLE, A.; TUAZON, R.; AKYEMPONG, K.; CHEUNG, C. K. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: Unesco / UFTM, 2013.